

# A CASA RURAL EM PENAFIEL, ENTRE MEIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA E ESPAÇO RITUALIZADO

ANA DOLORES LEAL ANILEIRO\*

**Resumo:** Apresentaremos a casa rural corrente em Penafiel nos séculos XIX e primeira metade do XX, entendida como meio de produção essencial para as explorações de dominante agrícola e simultaneamente apreendida como espaço ritualizado significador da família.

Define-se o conceito da arquitetura vernacular, analisando o diálogo entre vernacular e erudito através de exemplos do Município. Caracterizam-se complexos de casa rural, vitais para a satisfação das necessidades de subsistência e também como solução para a habitação, ao serviço da actividade agro-silvo-pastoril, no quadro da sociedade tradicional e do auto-consumo. Entre as múltiplas vertentes que assume casa rural, salienta-se ainda a profunda relação com o sagrado, por vezes utilizado como elemento social distintivo e sempre presente na ritualização do quotidiano.

**Palavras-chave:** Penafiel; Arquitectura vernacular; Casa rural; Sacralização.

**Abstract:** We present the current rural home in Penafiel in the nineteenth century and first half of the twentieth century, understood as an essential means of production for farms of agricultural dominance and simultaneously being perceived as a ritualized space, definer of the family unity. The concept of vernacular architecture is defined by analysing the dialogue between vernacular and erudite through examples within the Municipality. The rural house complex is characterized demonstrating its vital importance for the needs of subsistence as well as a solution for housing in the service of agro-forestry-pastoral activity in the context of traditional and self-consumption society. Among the many aspects that the rural house assumes it is always distinguished the deep relationship with the sacred, sometimes used as an element of social distinctiveness and ever present in the ritualization of the quotidian.

**Keywords:** Penafiel; Vernacular architecture; Rural house; Sacralisation.

---

\* Museu Municipal de Penafiel, CITCEM. ananileiro@gmail.com.

O tema abordado neste artigo decorre do estudo que estamos a desenvolver para o doutoramento em Arqueologia, que tem como título provisório «A Arquitectura Vernacular em Penafiel». A bibliografia atribui a este tipo de arquitectura várias designações tais como: vernacular, popular, tradicional, rural, indígena, espontânea, anónima, sem arquitecto, sem pedigree, sendo as três primeiras as mais comuns.

A designação «arquitECTURA vernacular» é, no nosso entender, a que melhor se aplica, visto não apresentar traço erudito e quando esta influência se verifica ser ténue e mimética. Contudo, esta opção não é consensual, pois há autores que consideram haver influência externa ou mesmo mútua<sup>1</sup>.

Relativamente à denominação «arquitECTURA popular», prende-se a uma ideia redutora de associação a uma classe social, com um forte sentido ideológico<sup>2</sup> cuja definição, aliás, não foi constante. Por outro lado, chamar-lhe «tradicional» pode dar a ideia que este tipo de arquitectura não tem dinamismo<sup>3</sup>, o que a nosso ver também a deprecia. Apesar de preferirmos o termo vernacular, estas três designações aparecem como sinónimo na bibliografia e são consensualmente aceites como válidas pois, de certa maneira, interligam-se.

A arquitectura vernacular foi durante muito tempo menosprezada por não se tratar de uma produção de elite, encomendada a um arquitecto de renome ou realizada a partir de edifício que se viu num outro país e que se pretende replicar ou recriar no nosso<sup>4</sup>, como é frequente na erudita. No entanto, este tipo de arquitectura tem sido valorizada para dela se tirarem lições<sup>5</sup>, nomeadamente nas questões relacionadas com a sustentabilidade<sup>6</sup>, pois sendo gerada por pessoas comuns, revela muito conhecimento baseado na experiência, num «saber-fazer» passado de geração em geração<sup>7</sup>, denotando uma forte capacidade identitária e raízes históricas profundas.

Revela simplicidade, racionalidade, integração no meio<sup>8</sup>, ligação ao território, pois é uma arquitectura bem implantada no terreno, por exemplo relativamente ao vento e ao sol, como no caso concreto das eiras, casas da eira e espigueiros, expostos à maior insolação possível. A arquitectura vernacular recorre aos mate-

---

<sup>1</sup> PÉREZ GIL, 2016: 91.

<sup>2</sup> PÉREZ GIL, 2016: 89.

<sup>3</sup> CARRERA, 2004: 27.

<sup>4</sup> ALMEIDA & BARROCA, 2002: 112.

<sup>5</sup> ASSOCIAÇÃO, 1980: XXII.

<sup>6</sup> GONÇALVES, 2014:27.

<sup>7</sup> ASSOCIAÇÃO, 1980: XIX.

<sup>8</sup> ASSOCIAÇÃO, 1980: XXII.



Fig. 1.  
Casa da eira  
ou beiral, eira e  
espigueiro  
(Ribeira, Rans).

riais disponíveis, de obtenção e uso locais, com «adaptações ecológicas próprias»<sup>9</sup>. É também uma arquitectura funcional, que permite reconversão e reutilização de espaços, ou mesmo ampliação no caso de o agregado familiar aumentar ou de serem necessárias novas funcionalidades para o serviço da exploração.

Se por um lado a arquitectura erudita é muito mutável (variando de acordo com os gostos e correntes estilísticas), a arquitectura vernacular não é o seu contrário, imutável, mas sofre alterações mais lentas<sup>10</sup>, aparentando imobilismo, o que torna difícil a sua datação rigorosa a partir de características formais. Apesar destas especificações, é por vezes difícil desenhar uma linha separadora entre a arquitectura vernacular e erudita. Com a fluidez de um território de fronteira, partilham formas, proporções, materiais e aspectos como a simetria e a distribuição do espaço. Sendo exemplos disso a presença de capela, na maioria dos casos com gosto classicizante<sup>11</sup>, escadas adornadas com elementos decorativos como o corrimão em papo de rola com remate em voluta, a existência de nichos exteriores para imagens, o frontão encimando a entrada, janelas de verga curva lavrada e avental ladeadas por mísulas decoradas, colunas de granito a suportar a cobertura da escada em estilo «neoclássico singelo e rústico»<sup>12</sup>, etc. Alguns dos melhores exemplares poderiam ser confundidos com arquitectura erudita, não fosse o contexto em que se inserem.

No panorama internacional, a arquitectura vernacular só recente e lentamente foi ganhando preponderância, processo longo do qual seguidamente apresenta-

<sup>9</sup> CARRERA, 2004: 27.

<sup>10</sup> JORGE, 2016: 51.

<sup>11</sup> SOEIRO, 2013: 32.

<sup>12</sup> OLIVEIRA & GALHANO, 1992: 47.

Fig. 2.  
Corrimão com  
término em voluta  
(Penafiel), colunas de  
granito (Penafiel),  
mísulas com  
decoreção  
antropomórfica  
(Fonte Arcada).



mos alguns dos marcos e normativas mais importantes. Em 1976, a UNESCO, na *Recomendação sobre a Salvaguarda dos conjuntos históricos e sua função na vida contemporânea*, realça a dimensão cultural e identitária destes conjuntos, bem como a importância da salvaguarda do património arquitectónico. A arquitectura vernacular está contemplada, ainda de uma forma muito indirecta. O conjunto histórico é aqui definido como «todo o grupo de construções e de espaços, incluindo as estações arqueológicas e paleontológicas, que constituam um povoamento humano, quer em meio urbano, quer em meio rural, e cuja coesão e valor sejam reconhecidos do ponto de vista arqueológico, arquitectónico, pré-histórico, estético ou sócio-cultural». No mesmo ano, o Concelho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) cria o Comité Internacional de Arquitectura Vernacular (CIAV) com a principal intenção de estudar e conservar este tipo de património, abrindo caminho para a definição do conceito. No entanto, foi difícil estabelecer consenso devido às diferentes realidades regionais que esta realidade assume<sup>13</sup>.

Em 1985, a *Convenção para a salvaguarda do património arquitectónico da Europa* (Granada, Conselho da Europa) refere-se, também indirectamente, à arquitectura vernacular «os conjuntos arquitectónicos: agrupamentos homogéneos de construções urbanas ou rurais, notáveis pelo seu interesse histórico». No final da década, na *Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular* (UNESCO 1989) observa-se uma maior aproximação, na medida em que este tipo de arquitectura está incluído na «cultura tradicional e popular» e surge mesmo elencado na definição «As suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura,

<sup>13</sup> VARIN, 1993: 3.

a musica, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitectura e outras artes». No mesmo ano, a *Recomendação relativa à protecção e valorização do património arquitectónico rural* (Conselho da Europa) dirige-se à arquitectura vernacular, mas considerando somente a sua vertente rural.

Apenas em 1999 o património vernacular tem a sua própria normativa internacional. O ICOMOS aprova a *Carta do património vernáculo construído*, em que se caracteriza este tipo de arquitectura e defende que é digna de ser estudado e preservado, pois «o património tradicional ou vernáculo construído é a expressão fundamental da identidade de uma comunidade, das relações com o território e ao mesmo tempo, a expressão da diversidade cultural do mundo». Esta carta favoreceu o reconhecimento internacional, alertando para a importância deste tipo de património. Prefere ainda o termo «património» e não «arquitectura» provavelmente para ser mais integrado e abrangente<sup>14</sup>.

\*

Segundo convicção dominante no séc. XIX, a casa rural tem pois a pretensão de ser uma unidade de produção que se bastasse a si mesma<sup>15</sup>, dirigida à residência da família e dos servidores e à produção do maior número de bens necessários à subsistência. Para tal incluía, para além da habitação, construções adjectivas que servissem funções diferenciadas. Trata-se de uma edificação programada para dar resposta à actividade agro-silvo-pastoril<sup>16</sup>, que acompanha as necessidades das diferentes etapas dos ciclos anuais, desde a sementeira à colheita e armazenamento de bens agrícolas, da criação estabulada de gado de tracção à das espécies apenas destinadas para alimentação ou troca... dispondo também de estruturas de transformação para uso próprio, que muitas vezes podem ser rentabilizadas ao prestar serviço a vizinhos desprovidos, gerando assim mais-valias económicas e de preponderância social. Quanto mais construções adjectivas específicas a casa rural possui – lagar de vinho, alambique, engenho de linho, engenho de azeite, moinho, etc – mais se diferencia das suas congéneres.

Como dissemos antes, outros elementos, de sabor erudito, evidenciam esta distinção desde o exterior – capela, portas fronhas com frontão, escada em pedra – correspondendo-lhes no interior os assentos *namoradeiras* junto das janelas, mais nichos decorados e armários embebidos na parede, bons madeiramentos em que se destaca o tecto com forro de painéis ou em masseira. Juntar-se-á na cozinha, bem mais tarde, a chaminé. Proeminente no exterior a ela corresponde uma grande saia

<sup>14</sup> PÉREZ GIL, 2016: 89.

<sup>15</sup> SOEIRO & ANILEIRO, 2014: 22.

<sup>16</sup> ALMEIDA, 1978: 50.



Fig. 3.  
Casa-pátio (Galegos).

no interior, por vezes apoiada em colunas, que também podem suportar o caniço e as varas para o fumo.

Alguns dos exemplares de casas rurais isoladas que encontramos no município de Penafiel, vistos do exterior, assemelham-se a cidadelas, de tal forma se fecham sobre si<sup>17</sup>. Mas frequentemente estão inseridas na malha arruada da aldeia, acompanhando e adaptando-se aos caminhos de serventia de forma organicista, embora sempre voltadas para o pátio ou quinteiro e com a habitação apenas acessível a partir deste, por isso os designamos casas-pátio, sublinhando o intencional fechamento do espaço privado e doméstico em relação ao da comunidade, o seu carácter introvertido<sup>18</sup>.

Esta tipologia da casa-pátio repete-se nas áreas de granito, predominantes neste município, e nas áreas de xisto; mantém-se nas casas agrícolas mais abastadas e nas mais humildes, variando na modéstia dos espaços e anexos e na qualidade de construção, principalmente pela ausência de elementos decorativos distintivos que já anteriormente referimos. Neste limitado artigo abordaremos apenas as primeiras.

A título exemplificativo, apresentamos uma casa agrícola – Casa de Vales, que se localiza no lugar de Vales da freguesia de Fonte Arcada e pertenceu à família Andrade, detentora de várias outras propriedades. O lugar de Vales tinha em 1831 cerca de 23 fogos, dos quais se destaca esta casa não só pela sua dimensão e preponderância arquitectónica, mas também porque nesta data dispunha da força braçal de quatro criados de lavoura. À data tinha como chefe de família Custódio José de Andrade, capitão da 7ª Companhia de Ordenanças da Capitania Mor das Ordenanças de Penafiel. A capela da casa, dedicada a Santo António, foi fundada em 1807 pelo Capitão António José de Sousa Andrade, casado com D.ª Maria Joaquina Vieira da

<sup>17</sup> OLIVEIRA & GALHANO, 1992: 39.

<sup>18</sup> MENÉNDEZ DE LUARCA, 2016: 1.

Fonseca. Segundo informação oral, sabemos que recebia vários foros nas freguesias de Figueira, Lagares e Fonte Arcada. O celeiro anexo à casa comportava 800 carros de milho, pelo que na 1ª e 2ª Guerras Mundiais foi utilizado, a pedido da Câmara Municipal, para distribuir o cereal, segundo ordens e por senhas, às populações das freguesias vizinhas. Esta casa, apesar de estar nobilitada pela presença da capela, segue o modelo de casa-pátio, pois todo o edificado está voltado para o pátio central, a que dá acesso a porta-fronha. A capela, com gosto classicizante, abre a entrada principal para o exterior, mas fica adossada ao corpo principal da casa, o que permite que na parede do sobrado exista uma passagem para o coro, onde a família podia assistir aos ofícios protegida, deixando o piso térreo aos demais crentes.

O pátio ou quinteiro é «uma autêntica sala ao ar livre»<sup>19</sup>, um espaço descoberto e central à volta do qual se dispõem as *lojas* compostas por cortes, pocilga, lagar de vinho, adega, engenho de azeite, alambique, palheiros e muitas vezes a cozinha, com chão de terra batida. A sua distribuição em redor do pátio vai fechando o espaço e facilita a circulação de pessoas para a execução das tarefas, e permite a deambulação dos animais de criação, a acumulação de lenhas e mato, ao mesmo tempo que impede o acesso e a visibilidade a partir do exterior. Nos tramos em que não existem, temos frequentemente muros elevados a fechar o perímetro. A entrada principal, por vezes a única para o interior deste núcleo, é formada pela porta fronha, com a possibilidade de passagem de um carro de bois carregado se forem franqueadas as duas folhas, enquanto para as pessoas se abre uma bem menor recortada numa delas. Por trás desta entrada pode correr uma área coberta, o beiral, como que um piso superior, com parede de ripado, onde se guardam produtos agrícolas. Nos exemplos mais aprimorados, como é exemplo a casa de Vales, em Fonte Arcada, ou a das Portas, em Quintandona, este beiral apoia-se num arco de granito<sup>20</sup>.

Nos alçados voltados para o exterior, estas casas apresentam-se normalmente, no piso térreo apenas frestas de ventilação das *lojas*, e no andar superior ou sobrado, destinado a habitação, várias janelas. Estas podem variar entre moldura rectangular ou de verga curva, verificando-se que as mais antigas são de pequenas dimensões e encontram-se no topo da parede, sob o beiral do telhado, e não apresentam vidraça.

As paredes divisórias interiores eram feitas de tábuas de madeira colocadas a prumo, que muitas vezes não interceptavam as águas do telhado, ficando apenas com altura apenas suficiente para cumprir o dever de dividir o espaço. As paredes de tabique serão ainda mais comuns e harmonizam-se com tectos forrados a madeira ou de estuque. Relativamente às paredes exteriores, estas são em pedra

---

<sup>19</sup> ASSOCIAÇÃO, 1980: 38.

<sup>20</sup> SOEIRO, 2013: 35.

à vista, salvo poucas excepções em que se verificam pequenos tramos de tabique, podendo ser revestido com soletos de ardósia.

O acesso ao andar é feito por escadaria, construída na mesma pedra usada nas paredes<sup>21</sup>. Em alguns casos dá acesso a um varandim com guardas em pedra, madeira ou tabique. É neste varandim ou alpendre que encontramos, a segurar o prolongamento das abas do telhado, prumos em madeira ou colunas de granito lavrado. Este varandim dá acesso à sala, mas também temos escadarias a desembocar directamente para a sala.

A sala é o compartimento mais nobre, apenas usado em ocasiões festivas como a visita Pascal ou para velórios. Por vezes este compartimento apresenta tecto em masseira e passagem directa para a capela. É aqui que encontramos o mobiliário mais distinto como o oratório sobre cómoda e a arca do bragal. Presente na sala, mas menos frequente, encontramos embutido na parede um nicho rectangular esguio com topo circular e capacidade para uma pequena imagem religiosa. Por baixo deste tem depósito de água com espaço para a respectiva torneira, um dos exemplos apresenta pia. Pensamos que estejam associados ao local de celebração de missa, para a lavagem das mãos, pois nas melhores famílias rurais havia quase sempre um elemento que seguia a carreira eclesiástica<sup>22</sup>, tendo a incumbência de celebrar uma ofício diário. Os dois casos inventariados surgem-nos em bons exemplos de arquitectura vernacular, em que não se observa a presença de capela.



Fig. 4.  
Nicho (Ameal,  
Rans), nicho (Fafiães,  
Galegos).

<sup>21</sup> Variando entre o xisto e o granito sendo este predominante e aquele circunscrito a pequenas manchas dentro do município e mais comum nas vizinhas serras de Valongo. *Carta Geológica de Portugal, Folha 9D Penafiel e 13B Castelo de Paiva*. Lisboa, 1980 e 1964 respectivamente.

<sup>22</sup> MATTOSO *et al.*, 2011: 410.



Os quartos são os compartimentos mais exíguos, estando reduzidos muitas vezes a alcovas que têm apenas espaço para acolher o leito, peça de mobiliário ou improvisado com bancos, e assento ou arqueta onde pousa a luz, criando algum recolhimento ao local para dormir.

A cozinha é o compartimento maior e mais importante da casa rural<sup>23</sup>, é nele que a família se reúne à noite, ao serão, no calor e luz da lareira, a fiar entre conversa e histórias, muitas vezes contadas de geração em geração<sup>24</sup>. Aqui se confeccionam e tomam as refeições, portanto será onde a família passa mais tempo. A cozinha ocupa um local de destaque no complexo da casa rural, mas a sua localização é variável, tanto se localiza no piso térreo, tendo, na maioria das vezes, o piso em terra batida, como se situa no sobrado da construção nuclear, com o pavimento em soalho de madeira e/ou parte em pedra, junto do lume.

Nos exemplos estudados existem elementos sempre presentes na cozinha, como é o forno. Construído em blocos de granito em falsa cúpula, com a moldura da porta em cantaria lavrada<sup>25</sup>, encostado a uma das paredes, centrado ou ao canto, destacado ou embutido, é nele que semanalmente se coze o pão e em dias festivos outras iguarias, tal como o pão-de-ló e o cabrito assado acompanhado de arroz de forno. Por vezes encontramos dois fornos contíguos, um maior e outro mais pequeno, para fornadas complementares<sup>26</sup> e para as fornadas de pão no Verão, altura em que o pão azeda sendo necessárias cozeduras mais frequentes e pequenas.

A lareira e o trasfogueiro são também uma presença frequente. Na lareira crepitava o fogo todo o dia e era aqui que se cozinhava o caldo, frequentemente, desde o século XIX, de batata e couve, que juntamente com a broa seria a alimentação quotidiana da família. A lareira, com forma rectangular, é constituída por boas lajes de granito assentes no chão. O trasfogueiro é um simples balcão ou mesa com pés e tampo constituídos por lajes maciças de granito ou pelo enchimento de xisto. Fica encostado à parede, ao centro ou a um canto, sempre nas proximidades do forno. Na base encosta-se e empilha-se a lenha e no tampo pousam-se os utensílios de cozinha. Em alguns casos o trasfogueiro é mais complexo, pois apresenta o borralheiro onde se guardam as cinzas.

Frequentemente encontramos na cozinha a cantareira, trata-se de uma espécie de banca de granito ou em lousa sobre a qual se pousam os alguidares. O louceiro, com a função de guardar a loiça da casa, surge com móvel de madeira ou rebaixamento embutido na parede, com prateleiras de pedra. No banco corrido ou escano

---

<sup>23</sup> GALHANO, 1963: 280.

<sup>24</sup> ANILEIRO, 2010: 71.

<sup>25</sup> SOEIRO & ANILEIRO, 2016: 394.

<sup>26</sup> SOEIRO & ANILEIRO, 2016: 394.

senta-se a família junto à lareira, a comer, trabalhar ou descansar. A masseira ou gamela, com a tampa fechada servia de mesa, enquanto no seu interior ficava guardado o crescente para a próxima fornada que nela se amassaria. Nas varas do fumeiro, os enchidos dependurados secam ao calor da lareira, recebendo o fumo. Actualmente menos frequente é a presença da base do barreleiro em granito, suporte circular com uma funda canelura em redor terminada em bico, por onde escorre a água que sai da lavagem das meadas do linho ou da roupa branca no barreleiro cilíndrico de cortiça. O bico prolonga-se em canal, lançando a água para o exterior da cozinha, através de uma pequena abertura na parede<sup>27</sup>.

A cobertura varia entre duas ou quatro águas, assente em barrotes de madeira. O revestimento exterior podia variar entre o colmo, a laje de lousa e a telha, contudo actualmente apenas encontramos os dois últimos exemplos, que por vezes se conjugam, reservando-se as lajes de lousa para os beirais.

A chaminé, de divulgação novecentista, é muitas vezes constituída por algumas telhas levantadas, mas também encontramos, nas melhores casas, chaminés proeminentes, a estreitar para o alto<sup>28</sup>, em granito ou em tabique revestido a escamas de xisto ou a telha em canudo, por vezes associadas a grandes saias no interior, sendo estas últimas mais recentes<sup>29</sup>. Hoje menos frequente é a péloga ou pérgula, colocada por cima da lareira. Consiste numa grande laje de lousa ou em fiadas destas, que se apoiam nos barrotes da armação, tendo por finalidade proteger o colmo do telhado das faúlhas que ascendem da lareira, reminiscência do uso do colmo que cobria os telhados. Tornou-se invulgar porque perdeu a utilidade com a vulgarização da telha.

Fora deste núcleo, porém pouco distante, localiza-se a eira e respectiva casa da eira, também designada beiral ou alpendre, e ainda o espigueiro, para o qual se procura uma implantação arejada e com a melhor insolação possível. Este conjunto da eira é multifuncional, para além de ser o local onde se malham, secam e guardam os cereais e leguminosas, serve também para a ripagem do linho, como evidencia a existência de um suporte ou de orifício na parede voltada para a eira próprio para o encaixe da cabeçalha do carro de bois onde é aplicado o ripo.

Normalmente mais distante da casa rural localiza-se o moinho, implantado estrategicamente sobre a água de regos, ribeiros ou rios que accionam os seus penados, mas em alguns casos, como os que registamos na freguesia da Figueira e no lugar de Cabroelo (Capela), está integrado no seio do núcleo rural<sup>30</sup>, bem

<sup>27</sup> ANILEIRO, 2010: 82.

<sup>28</sup> OLIVEIRA & GALHANO, 1992: 120.

<sup>29</sup> GALHANO, 1963: 274.

<sup>30</sup> SOEIRO & ANILEIRO, 2010: 99.

próximos da casa a que pertence, exemplares exclusivamente para uso próprio e dos seus caseiros, o que demonstra o estatuto do proprietário, ou partilhados por consortes em consequência das sucessivas divisões das heranças<sup>31</sup>.

\*

Nas múltiplas vertentes que a casa rural assume, reconhece-se uma profunda relação com o sagrado, por vezes utilizado como elemento social distintivo. Fica explícita quer na integração de componentes edificadas expressamente dedicadas ao culto, como as capelas, quer em outros elementos religiosos associados com a protecção das entradas e locais de passagem dos quais elencamos alguns exemplos: frontão com cruz a encimar a porta; inscrições em louvor do Santíssimo Sacramento na padieira da porta fronha; cruzes presentes na arquitectura, ou ainda pintadas ou gravadas; nichos com imagens no interior; alminhas; entre outros.



Fig. 5.  
Frontão com cruz  
a encimar a porta  
fronha (Cova, Fonte  
Arcada).

O sagrado estava presente em todos os momentos da vida e por isso há manifestações materializadas na arquitectura: na sala podemos observar os já referidos nichos, bem como os oratórios ou locais para celebrar a missa. Outra presença frequente do sagrado está relacionada com a protecção divina do pão (base da alimentação) e reflecte-se na presença de cruzes na porta ou fachada de moinhos, na padieira da porta dos fornos de cozer pão, entre outros. Todos estes exemplos remetem-nos para a ritualização do quotidiano, a busca de protecção divina e o reforço de identidade e preservação da casa-família.

<sup>31</sup> SOEIRO & ANILEIRO, 2010: 80.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1978) – *Arquitectura Românica de Entre-Douro-e-Minho, Vol. I, Para uma perspectiva ecológica, económica social e mental do Entre-Douro-e-Minho dos séculos XI a XIII*. Porto: FLUP. Tese de doutoramento.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de & BARROCA, Mário Jorge (2002) – *História da Arte em Portugal. O Gótico*. Lisboa: Editorial Presença.
- ANILEIRO, Ana Dolores Leal (2010) – *O linho no concelho de Penafiel*. Porto: FLUP. Dissertação de mestrado.
- ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITETOS PORTUGUESES (1980) – *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 2ª Edição.
- CARRERA, Gema (2004) – *La Arquitectura vernácula de la Andalucía Rural, Un Análisis comparado de dos inventarios*. «Tierra Sur Revista de Desarrollo Rural». Sevilla: Asociación para el Desarrollo Rural de Andalucía.
- FERNANDES, José Manuel & JANEIRO, Maria de Lurdes (1991) – *Arquitectura Vernácula da Região Saloia enquadramento na área Atlântica*. «Instituto de Cultura e língua Portuguesa», Lisboa: Ministério da Educação.
- GALHANO, Fernando (1963) – *A Cozinha Rural do Minho e do Douro Litoral*. «Revista de Etnografia» V.1, tomo 2, n. °2. Lisboa: Museu de Etnografia e História.
- GONÇALVES, Joana Maria dos Santos (2014) – *Tradição em Continuidade -levantamento das Quintas da Terra Fria do Nordeste Transmontano e Contributos para a Sustentabilidade*. Guimarães: UM Escola de Arquitectura. Dissertação de Mestrado.
- JORGE, Pedro Fonseca (2016) – *A Arquitectura Popular como Transição entre o Vernáculo e o Erudito- Uma Tentativa de Definição dos Diferentes Contextos Arquitectónicos de Raiz Não-erudita*. In *Atas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular*. Arcos de Valdevez.
- MATTOSO José, dir. & VAQUINHAS Irene, coord. (2011) – *História da vida privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores e Temas e Debates.
- MENÉNDEZ DE LUARCA, José Ramón (2015) – *Inside Out. El Patio y La Torre*. Disponível em <<https://joseramonmenendezdeluarca.files.wordpress.com/2015/11/el-patio-y-la-torre.pdf>> [Consulta realizada em 18/08/2016].
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de & GALHANO, Fernando (1992) – *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Lisboa: Dom Quixote.
- PÉREZ GIL, Javier (2016) – *¿Qué es la Arquitectura Vernácula? Historia y Concepto de un Patrimonio Cultural Específico*. Valladolid: U. Valladolid.
- SOEIRO, Teresa (2013) – *Quintandona, as muitas vidas de uma aldeia*. Penafiel: Museu Municipal de Penafiel, Câmara Municipal de Penafiel.
- SOEIRO, Teresa & ANILEIRO, Ana (2010) – *Os Moinhos de Rego em Figueira (Penafiel)*, «Molinologia Portuguesa», vol. 4. Lisboa: Etnoideias.
- (2014) – *Flax mills in Penafiel (Northwest Portugal)*. «Journal of The international Molinology Society», n. ° 88. TIMS The International Molinological Society.
- (2016) – *As arquitecturas vernaculares do pão no Baixo Tâmega*. In *Atas do Colóquio Internacional de Arquitectura Popular*, Arcos de Valdevez.
- VARIN, François (1993) – *L'Architecture Vernaculaire: Une Définition Difficile à Cerner*. «Vernacular Architecture», ICOMOS.